



Do Brasil à África: resgatando valores através da Literatura, construindo uma sociedade multicultural e pluriétnica

From Brazil to Africa: values through literature, building a multicultural and multiethnic society

RUBENS PEREIRA DOS SANTOS

UNESP
Assis – São Paulo – Brasil



Resumo: Este texto aborda o papel da literatura na construção da nova sociedade brasileira. O resgate dos valores identitários na formação cultural do país, destacando a presença africana nos diversos setores da vida nacional. Num projeto voltado exclusivamente para crianças e jovens estudantes brasileiros, objetivando demonstrar a multiculturalidade e a pluriétnia existentes na cultura brasileira. As literaturas de língua portuguesa auxiliam na compreensão dessa realidade.

Palavras-chave: Literatura; Multiculturalismo e pluriétnia; Contos angolanos; África; Brasil

Abstract: This paper addresses the role of literature in the construction of the new Brazilian society. The rescue of the cultural formation of identity values of the country, highlighting the African presence in various sectors of national life. In a project dedicated exclusively to children and young Brazilian students, aiming to demonstrate the multicultural and multiethnic existing in Brazilian culture. Literatures of Portuguese aid in the understanding of this reality.

Keywords: Literature; Multicultural and multiethnic; Tales Angola; Africa; Brazil

O presente artigo tem como escopo principal a divulgação dos resultados de um projeto realizado em uma escola pública do interior do Estado de São Paulo. O projeto, *Do Brasil à África: Resgatando valores através da Literatura – construindo uma sociedade multicultural e pluriétnica*, foi elaborado e desenvolvido por alunos da graduação do curso de Letras da FCL/Unesp/campus de Assis, sob a coordenação do autor desse trabalho.

O projeto, em seu início, teve um caráter extra-curricular, destinado a alunos do ensino fundamental e médio, com os quais se discutiu o valor da literatura e no que ela repercute. Trabalhou-se o conto em sua estrutura e teoria; com a apresentação de escritores nacionais e africanos que se aventuraram nessas narrativas. Juntamente com a leitura dos contos, foi dado um panorama histórico tanto da África quanto do Brasil, acompanhado ainda com músicas, documentários e filmes.

A formação do leitor

Há muito tempo que os educadores brasileiros enfrentam uma dura realidade: a falta do hábito de leitura. As escolas têm um importante papel a desempenhar na

criação de novos leitores. Para isso é necessário que se deem às escolas brasileiras condições objetivas para o cumprimento dessa obrigação. Tem-se verificado que, nos tempos atuais, há um crescente investimento nos estabelecimentos de ensino da rede pública em tecnologias, como computadores ligados à internet. Contudo ainda é tímida a construção de bibliotecas nas unidades escolares, como também é muito deficiente a distribuição de livros infantis e juvenis para os estudantes que não possuem condições financeiras. Mesmo que houvesse uma procura muito grande pela leitura, haveria uma dificuldade de como prover os alunos de um instrumento tão essencial para sua formação. Será que uma coisa não está ligada a outra? Tais considerações são obrigatórias, tendo em vista que o projeto proposto tem como propósito o enfrentamento dos problemas relativos à função primordial da escola na formação de futuros cidadãos.

Um dos objetivos do projeto foi incentivar o gosto pela leitura e também transmitir diversão, conhecimento e reflexão. Um outro ponto importante é que o texto literário pode beneficiar aos alunos no plano da linguagem, o contato com a literatura auxilia o jovem a falar com correção, abre caminhos para a percepção do dinamismo

da língua portuguesa, com suas variações e seus empréstimos, seja do africano (quimbundo, por exemplo), seja do indígena ou de outra língua estrangeira.

O conto foi escolhido por tratar-se de um relato de acontecimento mais concentrado e por possuir uma forma remanescente da tradição oral, tão comum na literatura africana, com os griots. Temos hoje uma versão nova de griot, os contadores de histórias, que tentam resgatar aquilo que foi a grande arma dos mais velhos: as histórias à beira da fogueira, quando – em especial os avós – contavam *causos*, muitas vezes inventados, outras vezes acontecidos no seio da própria família. Essa tradição foi deixada de lado pelo progresso que colocou as pessoas, mesmo aquelas que moram em locais distantes dos centros urbanos, diante de uma tela de TV, a verem o que acontece no mundo, a terem momentos de entretenimento. Ao mesmo tempo em que esse progresso trouxe pontos positivos, como a notícia em tempo real, e, de certa maneira, democratizou a informação, trouxe também aspectos negativos, porque acabou com os momentos de reunião das pessoas que trocavam suas histórias. A aparição do *novo contador de histórias* é um resgate do passado, por essa razão devemos reconhecer a sua importância nos dias atuais. O projeto levou em consideração tudo isso. O conto literário apresenta aspectos positivos, principalmente pela extensão. Se o texto fosse longo demais o efeito ou excitação ficariam diluídos, a intenção dessa forma é a leitura em uma só sentada, no período de uma aula.

A intenção era aguçar o espírito crítico dos alunos, fazê-los avalistas de sua liberdade, afinal, toda boa literatura é um questionamento radical do mundo em que vivemos, além de ela ser responsável por manter a continuidade da cultura, conforme expôs Mario Vargas Llosa (2005) em seu ensaio *A Literatura e a Vida*, “uma sociedade na qual a literatura foi relegada está condenada a se barbarizar espiritualmente e a comprometer sua liberdade” (idem, p. 377-95). As palavras de Llosa possuem dois pontos importantes: a barbarização e a falta de liberdade. Isso pode ser realidade em estágios mais altos, porque quando se pensa em formação de um público leitor o que realmente tem que ser levado em conta é, de fato, a possibilidade de a literatura fazer parte do universo das crianças e dos jovens. A leitura é uma forma de manter viva a chama do conhecimento e também constitui-se numa fonte de imaginação e prazer. Está claro que o trabalho do educador não é de formar escritores, mas, com certeza, a leitura pode motivar alguns a escrever. Há inúmeros exemplos de escritores que se decidiram a escrever após a leitura de artistas famosos. Os horizontes se abrem com a literatura, aguça-se o espírito crítico, porém é necessário um cuidado inicial. Não é qualquer livro, qualquer história que deve ser dada ao

leitor principiante. Às vezes, na ânsia de motivar o aluno, corremos o risco de por a perder todo um trabalho. Assim, um primeiro momento de preparação para o ato da leitura, uma *sensibilização* para a leitura e – muito importante – uma verificação dos gostos da classe, a soma de tudo isso é fundamental para o sucesso da empreitada.

Por que contos africanos?

Em primeiro lugar, vive-se hoje num mundo globalizado. Há aspectos muito positivos na globalização: as distâncias encurtaram, as trocas de informações representam um avanço significativo nas relações humanas, o homem contemporâneo pode estar bem informado, dependendo das fontes acessadas. O hibridismo é considerado um forte elemento de transformação; as fronteiras do mundo, se não foram totalmente eliminadas, tiveram um certo afrouxamento, permitindo o trânsito de culturas e costumes. Contudo, mesmo nos aspectos positivos, há pontos negativos: o hibridismo que pode ser considerado algo bom de um ângulo de visão, de outro, pode ser visto como negativo. Pensemos, por exemplo, numa sociedade de *cultura emergente*. Esta sociedade em suas relações com uma sociedade *culturalmente adiantada* terá ganhos, mas poderá também ter perdas: uma delas – o que é bastante grave – é a sua identidade como povo. Daí a necessidade de um cuidado especial nos dias atuais para os fatores identitários, é necessário que se preserve a cultura e a língua. Não se trata de *xenofobismo*, mas de manutenção de elementos que não mascarem um povo. O progresso e a modernização são importantes para a vida em sociedade, inseridos neste contexto não há como sair, e nem será necessário fechar-se em seu mundo.

Dizemos isso porque vivemos em um bloco cultural não hegemônico, temos a língua portuguesa como veículo de nossa cultura e, apesar de o Brasil ser um país com uma população respeitável, somos poucos em relação aos países de língua inglesa, por exemplo. Isso sem falar no prestígio que a língua inglesa goza no quadro mundial. Então, os países de língua portuguesa precisam unir-se para serem mais fortes. Um dos pontos em que a união dos países de língua portuguesa terá bons frutos é na literatura. Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe fazem parte da comunidade de língua portuguesa e todos têm responsabilidade no resgate e na divulgação da nossa cultura. A produção literária nos países lusófonos é muito significativa, a qualidade das obras africanas, por exemplo, vem sendo reconhecida pela comunidade internacional. Em consequência disso, cabe a divulgação *coletiva* seus autores, isto já é um primeiro passo para a preservação da cultura em nossos países.

A razão da inclusão de contos africanos deve-se em grande parte ao que foi colocado acima, ao darmos a conhecer textos de autores africanos, estaremos solidificando as relações entre Brasil e África.

Um outro ponto de importância para a implantação da proposta foi a necessidade de colocar em prática a Lei 10.639/03, que instituiu o ensino obrigatório de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas de nível fundamental e médio do país. Aliás, a lei é decorrência da análise feita por autoridades brasileiras sobre a formação do Brasil. É o reconhecimento oficial do papel do negro para o desenvolvimento da economia e da cultura brasileiras, constituindo-se num dos esteios da construção do país. Ao reconhecer a contribuição dada pelo afrodescendente, o governo brasileiro auxilia também na preservação de nossa memória cultural. A proposta teve como pressuposto tudo isso: com a leitura e interpretação dos contos africanos pretendeu, entre outras coisas, discutir as discriminações, promover a inclusão social, valorizar a riqueza de nossa diversidade etnicorracial e cultural. O projeto foi realizado, em grande medida, como contribuição para a efetiva implantação da lei, porque os seus propositores acreditaram e acreditam na importância do estudo deste tema, pois, diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se para tornarem-se cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica.

Autores brasileiros e africanos

Como pensamos na questão das relações Brasil/África, a proposta de trabalho incluiu autores brasileiros, ao lado de escritores africanos. Como ponto de partida, escolhemos autores que apresentassem obras de características mais populares: João Antônio, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Jorge Amado, Mia Couto e Luandino Vieira. Isto tanto para o ensino fundamental e quanto para o médio. Há necessidade de abirmos um parêntese aqui para explicar o porquê do *corpus* escolhido: do lado brasileiro, João Antonio é um escritor que narra histórias ligadas à periferia e suas personagens são, em geral, oriundas das camadas mais humildes de nossa sociedade. O livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* apresenta todos os ingredientes de uma narrativa dinâmica, cuja leitura atrai os jovens, exatamente por causa dos espaços sociais utilizados pelo autor. Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e Jorge Amado escreveram obras que servem para todas as idades, mesmo aquelas que foram escritas para um público mais adulto, adaptadas, podem ser lidas e discutidas por um grupo mais jovem. Citamos apenas dois autores africanos: o moçambicano Mia Couto e o angolano Luandino Vieira. A proposta, de início, foi *econômica e precavida*. Como se tratava de trabalhar escritores desconhecidos pelo público nas escolas, com

temas aparentemente distantes da realidade dos jovens, pensou-se em apresentar dois escritores da mais alta envergadura, autores que trazem a marca da universalidade, ambos representantes de uma literatura voltada ao social, privilegiando as camadas mais populares. Os contos de Mia Couto oferecem tanto a crianças quanto a jovens uma incursão pelo misterioso e pelo sobrenatural, não abdicando da presença do poético e do lírico; Luandino Vieira com os contos do livro *Luuanda* apresentando personagens populares, narrando a vida dos habitantes dos *musseques*, bairros pobres da capital de Angola. O que chama a atenção nos contos de Luandino é o aspecto visual de sua narrativa, mais parecendo um filme sobre acontecimentos ocorridos nos *musseques*. Percebemos, depois, que poderíamos ampliar o *corpus*, o que foi feito com as crianças do ensino fundamental.

A pesquisa para a seleção dos contos foi muito rigorosa: os textos escolhidos precisavam estar de acordo com a faixa etária. Um exemplo de como a seleção dos contos foi realizada é que os contos de João Antônio “Afinação da arte de chutar tampinhas”, “Frio” e “Meninão do Caixote” foram oferecidos a jovens do ensino médio. Essa escolha deu-se para o aluno sentir-se próximo da linguagem mais coloquial e menos rebuscada, aproximando as histórias de sua realidade, causando maior interesse. Conforme Antonio Candido, que em *A Literatura e a Formação do Homem*, afirma:

O leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua e, deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade. (CANDIDO, 1972)

O trabalho com as crianças. A parte africana do projeto

Para sintetizar, resolvemos fazer um recorte e comentar aqui como foi feito o trabalho com os textos africanos. É bom lembrar que textos de fábulas (*O corvo e a raposa, Os dois burros*) foram também apresentados, isto para mostrar uma certa intertextualidade com textos de autores africanos, pois há uma recorrência, nos contos africanos, da personificação da natureza e uma humanização dos animais. Isso é da tradição africana, contudo as histórias têm uma outra conotação para as crianças e para o público africano em geral.

Os autores brasileiros escolhidos: Graciliano Ramos com *Alexandre e outros heróis*, Monteiro Lobato com *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, Jorge Amado com *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*, serviram de base para a introdução dos africanos. Todos apresentando obras com a presença de elementos importantíssimos como o

poético, o lírico, sempre com uma “pitadinha de aventura. Ressalte-se que todo o conto destinado a crianças deve contar a aventura e ou mistério, pois esses ingredientes causam-lhes prazer. Ramos, Lobato e Amado trabalham com o misterioso, com o quase sobrenatural, recursos existentes nos contos infantis africanos.

A literatura africana de língua portuguesa caracteriza-se pela oralidade e os contos infantis trazem esta marca registrada. Em Angola, por exemplo, Oscar Ribas coletou as narrativas orais e passou-as para a escrita, publicando o *Missosso*, importante obra de resgate da cultura oral angolana, que alguns autores (poetas, ficcionistas) procuraram e procuram manter. Numa obra recente, Adriano Botelho de Vasconcelos, Neusa Dias e Tomé Bernardo (2006) organizaram uma coletânea com textos de conhecidos escritores angolanos, que mantêm um fiel vínculo com a tradição africana. Para este trabalho, selecionamos três autores: Costa Andrade, Jorge Macedo e Cremilda de Lima.

Costa Andrade é um dos escritores mais importantes da literatura angolana. Militante político na luta pela independência de Angola, foi um dos dirigentes da revista *Mensagem*, periódico editado pela Casa dos Estudantes do Império. Jorge Macedo também é um nome representativo dos tempos de luta contra o colonialismo. Poeta, como Costa Andrade, escreveu vários contos para crianças e para os pioneiros, jovens que se engajavam na guerra contra os portugueses. Aliás, o MPLA mantinha escolas em áreas dominadas pelas forças populares e, lá, crianças e jovens aprendiam as primeiras letras e se livravam do analfabetismo que era muito alto na época colonial. A voz feminina vem representada por Cremilda de Lima que, como os autores citados acima, tem a sua escrita pautada na tradição, ela explora em seus contos a fauna e a flora, utilizando-se de toponímicos oriundos do quimbundo.

De Costa Andrade escolhemos o conto “O castigo da raposa”. O texto narra a história do galo e da raposa que eram acusados de causar muito barulho na aldeia, incomodando os vizinhos. Na verdade, o barulho vinha do galinheiro, razão pela qual o galo também era considerado suspeito. Claro que quem provocava o barulho era a raposa que vivia importunando as aves. O Soba (dirigente máximo da aldeia) convocou-os para uma conversa. A raposa, manhosa, chegou para o galo e propôs que fossem juntos à reunião, para provar que os dois eram muito amigos. O galo, entretanto, preparou uma armadilha para ela:

A raposa chegou entretanto. Cumprimentou com toda a humildade, com o falso carinho que só ela é capaz de fingir, e fez a proposta esperada:

– Querido Amigo Galo, vim cá para irmos juntos ao Soba.

Apresentando-nos os dois, nada temos a recear e acabam-se as intrigas. Não achas?

O galo que escondera a cabeça debaixo da asa para enganar a raposa respondeu:

– Estou cheio de medo, Amiga Raposa. Sabes lá o que nos espera? Para evitar maiores castigos, pedi à minha mulher N’sanji, a Galinha, que me cortasse a cabeça. Apresentando-me com a cabeça cortada, o Soba perdoar-me-á certamente de todos os erros que tenho cometido. Como vês já estou de cabeça cortada.

A raposa, atrapalhada, pergunta:

– E como é que conseguiste cortar a cabeça e continuar a falar?

– Isso não é problema. Pedi à minha mulher N’Sanji que fizesse o trabalho: cortar-me a cabeça de um só golpe, deixando-a ligada ao corpo pela pele. Assim fez e aqui estou. Quando voltar é só dar um ponto e fica tudo na mesma.

A raposa correu para sua casa e pediu à sua mulher que cortasse a sua cabeça, isso depois de contar-lhe a história do galo. Como já era tarde e o galo já estava pronto, ela queria que tudo fosse rápido para chegar primeiro e obter o perdão do Soba. E a mulher da raposa obedeceu. Pegou um grande *njaviti* e decepou a cabeça do marido, que caiu morto. A mulher da raposa correu desesperada atrás do galo e, como ele já tinha saído, falou para a galinha que iria acabar com todos da família. A galinha respondeu:

– Não te preocupes que o Galo foi ao Soba contar-lhe tudo. É o merecido castigo para o teu marido e para ti, já que vocês não têm feito outra coisa na vida senão assaltar traiçoeiramente as capoeiras para se banquetear com os pintos, as galinhas e os galos que aí dormem indefesos sem fazer mal a ninguém. É bem feito e não tornes a aparecer para que não te suceda o mesmo. Nós vamos organizar a nossa defesa.

A fábula, em seu final, traz uma mensagem dirigida àqueles que lutaram pela causa da independência angolana: “Os pioneiros ganhavam sempre porque a inteligência e a astúcia é a arma dos fracos contra os fortes e os malvados”. Educativa, pedagógica, a fábula servia também de incentivo aos jovens na luta.

Cremilda de Lima, em “O aniversário de vovô Imbo”, mostra ao leitor um dos temas mais recorrentes da literatura africana: a humanização da natureza, das árvores, das flores e dos frutos. Vovô Imbo é uma árvore (Imbondeiro) que fazia anos. Seus amigos (os macacos, pardais, papagaios, sapos e coelhos) resolveram fazer-lhe uma festa surpresa. Foram as *múcuas* que tiveram a ideia da festa. Elas são as frutas do imbondeiro e, por isso, tratam-no como avô. O que falar disso? Ora, na milenar cultura africana as árvores exercem um grande poder sobre os humanos: elas fazem parte do próprio corpo do homem.

O imbondeiro é uma árvore das savanas africanas, possui vários nomes, um nome dos mais conhecidos é *baobá* e possui o mais grosso tronco do mundo, em São Tomé é conhecida como *micondó*. Há um conto da Guiné-Bissau em que um homem, ao ver sua árvore, transformada em madeira, resolve impedir que ela seja levada para longe e, vendo frustradas as suas investidas, acompanha a árvore até o depósito, sempre insistindo para que nada fosse feito a ela, pois era parte dele. Sem ela, ele morreria.

No conto de Cremilda de Lima há uma beleza iluminada: ela fala das luzes que rodeavam a velha árvore e de tudo que foi preparado em sua homenagem:

Organizaram tudo. Fizeram os convites, falaram com os músicos e não se esqueceram do pitéu.

Mukuika e Mukuenda, foram os responsáveis pelo embelezamento do lugar que estava muito lindo, com luzes, balões e fitas de muitas cores e flores.

Uki e Ueka, trataram de arranjar os músicos.

Os quatro arranjaram o pitéu. Não foi difícil, pois havia por ali muitos figos de piteiras, tambarindos, gajajas, maracujás e mangas.

Para beber havia quissangua¹ fresquinha preparada em cabaças enfeitadas de missangas de várias cores.

Numa grande quinda² havia também kitaba, kifufutula, mikondos, bombo frito, castanha de caju ...

Os músicos foram chegando...

Faziam parte da orquestra tocadores de marimba, kissange, tambor, dikanza, violas, puita...

Os tocadores de kissange eram os pardais, os tocadores de marimba eram os periquitos. Os tambores eram tocados por dois macaquitos muito irrequietos sempre de orelhas espetadas e rabito no ar. A dikanza era tocada por um coelho, o violão por um papagaio muito respeitável, a puita por dois sapos.

O interessante é que os moradores da aldeia acorreram até a árvore para assistir à festa. Era a natureza em gala, o cantar dos pássaros, a sinfonia ecoava pelos espaços. Há uma mensagem de singeleza, de solidariedade, de comunhão, da amizade entre todos. Esse sentimento de pureza, de felicidade e de epifania ao mesmo tempo, faz do texto um excelente material para o ensino. Ao professor cabe traçar um panorama do que significam a flora e a fauna para a vida do homem e como é importante preservá-las. As palavras originárias do quimbundo dão um toque expressivo ao texto, em especial aos pequenos leitores brasileiros que têm diante de si nomes estranhos num primeiro momento, mas, depois de explicados devidamente, verão que muitos daqueles termos são velhos conhecidos deles, com outros nomes.

¹ Bebida fermentada, feita de farinha de milho.

² Cesta de casca de árvore.

Por último, o conto de Jorge Macedo “Tão! Tão! Tome o Pato”. O narrador conta a história de Jójó, criança que estava ainda balbuciando as primeiras palavras. É sabido por todos que as crianças, quando estão aprendendo a falar, são a alegria dos pais, que veem a cada descoberta nova, motivo para risos e muito orgulho. Em especial quando falam papai ou mamãe pela primeira vez. O que chama a atenção do leitor no conto de Jorge Macedo é que ele foge um pouco do conto tradicional angolano, pois o autor mostra que a globalização atingiu Angola. Trata-se de uma narrativa bem humorada, que podia estar ambientada em qualquer lugar do mundo. A família assistia ao desenho animado Tom & Jerry. O gato Tom leva sempre a pior e frequentemente é atacado pelo protetor de Jerry, um cão. Num desses episódios, estando todos de olho na tela da TV, mais uma vez Tom é enganado por Jerry e, ao tentar pegar o ratinho, vê-se diante do cão que passa a persegui-lo. Todos da sala, revoltados com a impotência do gato em segurar o ratinho, gritam: “Cão, come o gato!” Jójó, ao ouvi-los dizer aquelas palavras, repete: “Tão!Tão!Tão! Tome o pato!”, para riso geral de toda a família. Claro que a criança, vendo que todos riram, repetiu várias vezes “Tão!Tão!Tão! Tome o pato!” Este conto encerra uma certa ingenuidade e leveza que provoca nas crianças uma sensação de alegria. Apesar de não ter uma relação direta com a tradição africana, o conto de Jorge Macedo cumpre o seu papel de proporcionar aos jovens leitores momentos de descontração.

Como a proposta inicial do projeto sugeriu a leitura dramática dos contos, todos os contos apresentados foram lidos pelos alunos. A seguir, foi realizada uma apresentação teatral dos textos escolhidos pelos alunos. Um dos contos preferidos foi o de Jorge Macedo “Tão! Tão! Tome o Pato”, todavia “O castigo da Raposa” e “O aniversário de Vovô Imbo” conquistaram os ouvintes, muito pela personificação e pela humanização da natureza existentes nos dois, e também pelos aspectos de mistério, luminosidade e colorido que apresentam. No conto de Costa Andrade, a astúcia do Galo enganando a esperta Raposa; no conto de Cremilda de Lima, a singeleza da história, o respeito dos africanos pelos elementos naturais são motivos bastante fortes para prender a atenção dos jovens. São contos que possuem relações com as histórias que as crianças brasileiras conhecem, há um fértil diálogo entre as narrativas.

A experiência serviu para que futuros professores trabalhassem com a realidade da sala de aula, muito embora o projeto tenha sido levado como uma atividade extracurricular. Os estudantes universitários envolvidos no trabalho perceberam as diferenças, transmitiam às crianças informações como aquela que aponta a tradição africana como uma sociedade ligada visceralmente aos elementos da natureza, considerados sagrados: a velha

árvore (o imbondeiro da história de Cremilda de Lima) traz a marca dos anos e faz parte da vida do povo; cada família possui em seu espaço doméstico uma árvore que lhe pertence.

Outras considerações

Alguns pontos do projeto que não foram suficientemente esclarecidos no artigo merecem, a nosso ver, alguns comentários. Os filmes apresentados aos jovens serviram como estímulo à leitura. As músicas também tiveram uma finalidade pedagógica e, em geral, os jovens responderam muito bem à proposta. Porém, onde houve a resposta maior foi quando, após a leitura dos contos, pediu-se que eles criassem outras histórias. A atividade podia ser oral ou escrita, individual ou em grupo. Grandes surpresas aconteceram, pois, muitas vezes as crianças e os jovens criaram narrativas do mais alto nível, o que nos fez lembrar de uma experiência feita por Leão Tolstói em sua propriedade: depois de criar uma escola para os filhos dos camponeses e dar-lhes lições de literatura (contos, fábulas etc), o velho escritor incentivou as crianças a inventarem as suas próprias histórias. Resultado: muitas dessas histórias superaram as expectativas e Tolstói resolveu publicá-las, dando o crédito aos pequenos escritores. Há um conhecido texto seu que tem por título *Quem aprende com quem: nós com as crianças camponesas ou as crianças camponesas conosco?* Por tudo isso, é que acreditamos que o trabalho realizado foi muito satisfatório e que, com algumas correções no roteiro, com a experiência acumulada, outras ações terão mais efeito ainda na formação de nossos estudantes como futuros mestres e no aprendizado das crianças e jovens de instituições públicas de ensino, especialmente aqueles que vivem em regiões mais carentes.

Merecem destaque também mais dois pontos: o primeiro se refere à exposição feita e à apresentação teatral, atividades que tiveram uma participação expressiva da comunidade; o segundo, um trabalho realizado pela equipe de execução do projeto, trabalho este que exigiu uma dedicação extrema. Os executores do projeto, empolgados com os resultados alcançados, resolveram estender suas atividades, muito além da proposta inicial. Como a novidade do projeto eram os contos africanos, o grupo resolveu selecionar os textos que tiveram mais aceitação entre os estudantes e organizaram uma *antologia*

de contos africanos, distribuindo por escolas estaduais da cidade de Assis.

Referências

- AMADO, Jorge. *O gato Malhado e a andorinha Sinhá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Fernando Costa. *O castigo da raposa*. In: VASCONCELOS, A. B.; DIAS, N.; BERNARDO, T. *Boneca de Pano: colectanea de contos infantis*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.
- ANTÔNIO, João. *Malagueta, perus e bacanaço*. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d.]
- CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*, São Paulo: SBPC, v. 24, n. 9, 1972.
- FRANTZ, Fanon. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: *A importância do ato de ler em três artigos que se complementam*. São Paulo: Cortez, 1986.
- FREYRE, Gilberto. *O mundo que o português criou*. Rio: José Olympio, 1940.
- GOTLIB, Nádya Battella. *Teoria do conto*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- LIMA, Cremilda de. *O aniversário de vovô Imbo*. In: VASCONCELOS, A.B.; DIAS, N.; BERNARDO, T. (Org.). *Boneca de pano: colectanea de contos infantis*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.
- LIOSA, Mario Vargas. A literatura e a vida. In: *A verdade das mentiras*. São Paulo: Ed. A, 2005.
- LOBATO, Monteiro. *O sítio do Pica Pau amarelo*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- MACEDO, Jorge. *Tão! Tão! Tome o Pato*. In: VASCONCELOS, A. B.; DIAS, N.; BERNARDO, T. (Org.). *Boneca de pano: colectanea de contos infantis*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 2006.
- MEC. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília: Ministério da Educação, 2004.
- MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, 2001.
- RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. Rio de Janeiro: Martins, 1962.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 1998.

Recebido: 08 de outubro de 2011
Aprovado: 03 de dezembro de 2011
Contato: reviru@terra.com.br